

I Encontro Sul-Brasileiro de Mulheres e Agroecologia: sob o lema 'Sem feminismo não há agroecologia', elas abrem caminhos para o movimento agroecológico brasileiro

Marina Augusta Tauil **Bernardo**¹

Renata **Marafon**²

Katya **Isaguirre-Torres**³

RESUMO

Diante da grande crise social, política e ambiental ao qual enfrentamos, a Agroecologia se fortalece como uma ciência comprometida com o resgate de conhecimentos ancestrais das mulheres e de seus modos de vida, possibilitando a construção de estudos que interseccionam a teoria, o movimento e prática com as lutas feministas e antirracistas. Nesse sentido, com a pretensão de relatar e enaltecer a importância de eventos agroecológicos organizados por e para mulheres, o trabalho foi elaborado a partir da utilização da metodologia de observação participante, através da vivência das autoras no I Encontro Sul-Brasileiro de Mulheres e Agroecologia, entre os dias 5 e 6 de setembro de 2024, nas dependências da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. Como resultados, ressalta-se a importância de eventos para a organização e fortalecimento de redes agroecológicas constituídas por mulheres, e, para quem estuda tais temáticas, a possibilidade de aprendizado sobre a diversidade de lutas travadas por mulheres do campo, das águas e das florestas.

Palavras-Chave: Emergência climática; Feminismos; Violências; Lutas.

CONTEXTO

Entre os dias 5 e 6 de setembro de 2024, nas dependências da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, ocorreu o I Encontro Sul-Brasileiro de Mulheres e Agroecologia, evento que integrou o Circuito de Eventos Macrorregional Oeste de Agroecologia e reuniu mulheres do campo, da floresta e das águas, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Tratando diversas pautas, como direitos territoriais, protagonismos femininos na Agroecologia, fortalecimento das redes, violências sofridas pelas mulheres, feminismos e sua

¹ Doutoranda, Universidade Federal do Paraná, marinatauil@ufpr.br

² Doutoranda, Universidade Federal do Paraná, renatamarafon@ufpr.br

³ Professora Doutora, Universidade Federal do Paraná, kisaguirre@gmail.com

profunda conexão com a luta antirracista, a atividade também contou com muitas partilhas, como troca de sementes crioulas e de experiências da sociobiodiversidade preservada por mulheres guardiãs.

Na ocasião, comprometido a erigir a Agroecologia como um instrumento de transformação social diante da grande crise social, política e ambiental ao qual estamos passando, o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Direito Socioambiental - EKOA, da Universidade Federal do Paraná, coordenado pela docente Katya Isaguirre-Torres, contou com a participação de duas integrantes. Nesse sentido, ressalta-se o compromisso do EKOA em promover uma ciência também orientada pela escuta e troca de saberes com quem produz conhecimento no campo. Desse modo, por meio da observação participante, as doutorandas tiveram a oportunidade de vivenciar momentos diversos junto às mulheres de várias localidades do sul do Brasil.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Com a convocatória do I Encontro Sul-Brasileiro de Mulheres e Agroecologia, iniciamos a descrição da experiência, como um chamado a compreender que "já se sabe que as mulheres são como águas, crescem quando se juntam. Nas águas da região sul do Brasil, percorrem uma diversidade de caminhos que desembocam na defesa dos direitos e vida das mulheres, na visibilização de seu trabalho e de sua produção - seja no campo, nas florestas ou nas cidades".

No dia 04 de setembro, um dia antes do evento, um grupo de mulheres do Paraná já aguardava para ir ao evento. Em um carro de transporte tipo *van*, com destino a Chapecó - SC, a jornada iniciou com mulheres de Mandirituba e Tijucas do Sul, bem como as autoras, saindo da UFPR - *campus* Santos Andrade. Posteriormente, as demais embarcaram em Campo Magro, Palmeira e Irati, completando 13 (treze) mulheres rumo ao evento. Contando com o apoio da assessora técnica AS-PTA, Luiza Damigo, carinhosamente chamada de "Titi", as mulheres foram se integrando através de trocas ao longo do trajeto: cantaram, compartilharam lanches, contaram suas histórias, contaram sobre suas produções agrícolas, comercialização, organizações que integram e que tipo de produtos produzem.

Chegando ao alojamento da UFFS, após onze horas de viagem, aproximadamente a 01h da madrugada do dia 05 de setembro, a acomodação ocorreu em uma sala de reunião do denominado Prédio dos Professores. Foi como ver um "mar de colchões" espalhados pelo chão e todas foram se instalando. Neste momento não havia distinção - agricultoras, artesãs, estudantes e assessora técnica - todas compartilhando o mesmo espaço.

Já no dia 05 de setembro, o dia iniciou com um café da manhã compartilhado, credenciamento e início das atividades. Com o auditório do *campus* da UFFS lotado, com raras presenças masculinas, inicialmente as mulheres acompanharam uma mística de acolhimento e apresentação cultural, com uma fala breve de Inês Burg, docente da UFFS. Em seguida uma palestra com a temática "Conferência de abertura: Histórico do movimento

das Mulheres pela Agroecologia na região Sul e no Brasil”, composta por Elisabeth Cardoso, representante do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e Noemi Krefta, agricultora agroecologista e integrante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), tivemos a oportunidade de aprender sobre a importância dos movimentos sociais e das lutas das mulheres do campo. Ademais, ressalta-se a fala da docente Daniela Pacífico (UFSC), que apresentou resultados de um estudo que evidencia como que apesar de serem poucas as mulheres que produzem artigos e pesquisas na área da Agronomia, são elas que mais escrevem sobre a Agroecologia.

A segunda mesa do evento, com o tema “Mulheres, Agroecologia e Políticas Públicas”, contou com a participação remota de Emma Siliprandi, docente da Universidad Internacional de Andalucía - Espanha, explanando sobre a importância das mulheres para o fortalecimento da agroecologia. Dentre outras temáticas tratadas pela mesa, destaca-se o chamado da palestrante Sarah Luiza, integrante do GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), sobre a importância e urgência da efetivação do PRONARA (Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos). Sobre a terceira mesa “Sociobiodiversidade e a autonomia das mulheres: a relevância do conhecimento tradicional”, evidencia-se que, a partir dos relatos sobre suas experiências e construções locais de Geneci Andrioli, assentada da reforma agrária e de Tanara Flores, estudante indígena, as falas propiciaram momentos de notória emoção nas participantes do evento.

Em um momento único de conexão e encontro, comandada por Ínes Polidoro, à noite ocorreu uma roda de conversas e cuidados. Após uma mística, as mulheres presentes iniciaram a atividade construindo coletivamente um “corpo feminino” com sementes, ramos e mudas que trouxeram. Posteriormente, as mulheres foram convidadas a falar e, assim, acompanhadas pela forte emoção de quem as ouvia, surgiram relatos de muitas lutas travadas e de esperanças.

No dia 06 de setembro, a mesa “Feminismos, luta antirracista e Agroecologia”, contou com Talcira Gomes, cacica guarani - Rio Grande/RS, Michela Calaça, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Ivonete Carvalho, da comunidade quilombola Vó Fermina e Vó Maria Eulina - Restinga Seca/RS. Estruturada como uma roda de conversa em que se compartilha um chimarrão, as mulheres trouxeram à pauta da agroecologia como uma forma de resistência e combate à emergência climática. Por derradeiro, em um momento simbólico, foi realizada a entrega de variedades de mudas e sementes crioulas para as mulheres do Rio Grande do Sul, em decorrência das enxurradas e enchentes que devastaram suas produções.

Importante destacar que ao longo de todo o evento, houve mulheres que tiveram a oportunidade de comercializarem seus produtos, divulgarem seus trabalhos e de auferirem renda. Ademais, a participação no evento foi gratuita e as inscrições no evento foram feitas através da plataforma *Even3*, e o controle de participação foi feito através de uma lista de presença que deveria ser assinada no primeiro dia de evento. Além disso, as refeições foram gratuitamente proporcionadas às participantes no refeitório universitário.

RESULTADOS

Dentre tantos resultados que poderiam ser apresentados - pois trata-se de um evento que reuniu uma variedade de olhares femininos e diversas perspectivas de os apresentarem - destacamos como resultado mais notável a importância da criação de espaços exclusivamente femininos de resistência, onde as mulheres possam exercer a liberdade de serem mulheres.

Em um mundo patriarcal e hegemônico que nos oprime e sufoca, através da imposição de regras e normas para nos adequarmos aos padrões sociais impostos, eventos como o I Encontro Sul-Brasileiro de Mulheres e Agroecologia, torna-se um convite para todas as mulheres compartilharem o que desejam (lutas, lágrimas, abraços, sorrisos, ou o que seja). Sem vergonha ou ressentimento, sabendo que serão acolhidas pelas demais, ao contrário de espaços mistos e/ou predominantemente masculinos, ainda permeia o temor do julgamento masculino a respeito de suas lutas e dores. E, nesse sentido, ressaltamos a importância de nossa presença no evento, pois “como pesquisadoras precisamos fazer e experimentar o novo, com novas perguntas, novos olhares, pois a ciência se faz nas trocas e com diálogo de saberes e amor” (Cardoso, Jalil & Moreira, 2021, p.05).

Ademais, mesmo que o papel das mulheres seja primordial ao desenvolvimento da agroecologia, até poucas décadas o papel feminino na agricultura era reduzido a auxílio aos homens, contribuindo para a desigualdade de gênero (Lima Jesus, 2016). Desse modo, eventos direcionados diretamente ao público feminino, e em especial, envolvendo mulheres camponesas, fortalece e incentiva a continuidade das atividades, possibilitando que se conscientizem e reforcem o direito à existência (Vasconcelos, 2019). Nesse sentido, Celecina Sales (2007, p. 438) dispõe que “além do processo organizativo, as mulheres exercem o direito de falar, discordar, concordar, propor e reivindicar direitos”.

Dentre as falas, evidenciam-se os casos de violência no campo e a luta contra o modelo hegemônico de monocultura que avança aos arredores de suas propriedades, bem como os diversos relatos de mulheres que sofrem e/ou sofreram violência doméstica, tanto na forma física, quanto psicológica. E ao acompanhar durante dois dias de evento as mulheres do sul, foi possível compreender que muitas pautas ainda precisam de maior atenção por parte do governo, muitas demandas ainda precisam ser melhor desenvolvidas, e que há muitas lutas a serem travadas.

Desse modo, torna-se possível sintetizar como resultados: 1) fortalecimento da Região Sul, através visibilidade das redes, organizações e movimentos que lutam e defendem agroecologia na região; 2) (auto)conscientização das mulheres agricultoras da importância do que elas fazem, produzem e falam para a sociedade e para a academia; 3) o evento foi um espaço de fala, trocas de experiências, sementes, histórias, afetos e escuta atenta pelas e para as mulheres, essencial para fortalecimento delas como sujeitas políticas; 4) ocorreram importantes denúncias, como violências sofridas, e algumas de forma mais impactantes; 5) foram constatadas

falhas estatais no acesso a algumas políticas públicas, como a dificuldade de acesso a créditos bancários; 6) a importância da Universidade como um espaço de acolhimento de saberes e inclusão, de modo a impactar as comunidades ao seu entorno, e não somente para os discentes; 7) construção de uma Carta do evento, redigida de forma conjunta com as participantes; 8) alinhamento da ocorrência de um futuro II Encontro Sul-Brasileiro de Mulheres e Agroecologia.

Quanto às autoras, imprescindível relatar os seguintes resultados de ordem pessoal ao terem a oportunidade de participar do evento: 1) terem pré-estabelecidos elos com as mulheres agricultoras necessários para futuros estudos e construção das teses; 2) conhecer experiências de resistência das mulheres camponesas e exercitar a escuta sobre situações que dificilmente poderiam ser vivenciadas nos bancos da universidade; 3) o reconhecimento da agroecologia enquanto pauta a ser levada para a academia e compartilhada com os demais discentes; 4) impacto emocional de ouvir pessoalmente tantos relatos de dor e sofrimento destas mulheres, muitas vezes conhecidos somente através de processos judiciais ou artigos jornalísticos;

Figura 1 - Abertura do evento



Fonte: Registro feito por Renata Marafon, 2024

Por derradeiro, ainda nos resta muito que “esperançar” (Paulo Freire, 2014) para que possamos reinventar o mundo. Deste modo, vislumbram-se benefícios às mulheres envolvidas em eventos como o I Encontro Sul-Brasileiro de Mulheres e Agroecologia, desde o sentimento de acolhimento dessas mulheres pelas acadêmicas, e por todas as mulheres participantes, bem como, de forma inversa. Para as estudantes, fundamental se faz a compreensão, desde as vivências das mulheres, de suas famílias, das relações estabelecidas entre agricultoras e Estado, assim como quanto às políticas públicas existentes e faltantes, das diversas realidades sociais e de gênero que as cercam, podendo posteriormente levar aos discentes um pouco dos aprendizados e ampliar os olhares quanto aos cenários intrínsecos e extrínsecos pertinentes a muitas pesquisas realizadas.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, E. M.; JALIL, L. M.; DE SOUZA MOREIRA, S. L. As mulheres na construção do conhecimento agroecológico. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. **Editora Paz e Terra**, 2014.

JESUS, V. B. de; LIMA, M. M. T. Sem mulheres existe agroecologia? 2016. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=127&id=1538&print=true>. Acesso em: 11 out. 2024.

SALES, C. de M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 437-443, 2007.

VASCONCELOS, V. N. P. Entre a norma e a rebeldia: rastros de feminismos no sertão baiano. **Saeculum—Revista de História**, p. 204-216, 2019.

